

Expedição de mergulho nas

Como nos referimos no último número, uma expedição de mergulhadores e biólogos partiu de Vilamoura a bordo da escuna "Mauritius", com o objectivo de estudar a fauna e flora das ricas águas madeirenses. Depois de aportar em Porto Santo e Funchal, o grupo expedicionário fez vários mergulhos na Reserva do Garajau - Parque Natural da Madeira para um encontro sem-pre desejado com os meros, que aí são residentes.

A reserva do Garajau está numa pequena baía de fundo arenoso e grandes blocos de pedra com grutas tanto a gosto dos meros. As águas outrora cristalinas, estão agora mais turvas devido ao escoamento de águas que desaguam no mar, bem a

meio da reserva. Recuando um pouco no tempo, recorde essas águas invejáveis e a sua fauna abundante. Muitos meros, cardumes de lírios, encharéus e muitas moreias faziam as delícias do afortunado mergulhador que tivesse o privilégio de ali mergulhar. Hoje, ainda é possível encontrar esta fauna mas em menor quantidade. E as moreias que antes rodeavam os mergulhadores onde foram parar? Serão certamente sinais de novos tempos mas de menor abundância. Esperamos que as novas gerações mais sensíveis à preservação do ambiente e nem sempre motivadas por interesses obscuros, possam recuperar para a humanidade, em toda a sua plenitude, esse tesouro subaquático que é a reserva do



Anémone "telmatactis cricoides"



Os próprios mergulhadores, quando se faziam ao mar eram os marinheiros a bordo



O fundo rochoso e a transparência das águas das Selvagens

Garajau.

O Parque Natural da Madeira muito tem feito no sentido de preservar aquele local pelo que nos resta a esperança de voltar a mergulhar nessas águas pintadas daquele azul cristalino e salpicadas pelos movimentos harmoniosos de muita fauna. Os madeirenses bem o merecem.

Os biólogos procedem à avaliação de algumas espécies, identificando depois as suas características com o resto do grupo. As algas também não escaparam ao olhar científico destes técnicos. No final do dia muito havia ainda para fazer. O convés é arrumado, as garrafas cheias, material de mergulho bem acondicionado enquanto da cozinha se sentia o agradável cheiro da ceia. Uma saborosa refeição, temperada no final com um aromático café, dá energia à tripulação que vai entrar de quarto.

O "Mauritius" levanta ferro rumo às Desertas, cumprindo a viagem de cerca de 12 milhas durante uma parte da noite. Ao romper da aurora o sol espreita por baixo de uma camada de nuvens que teimam em não largar as águas agitadas do Atlântico. O vento é forte e a ondulação agreste. As condições naturais das Desertas não permitem fundear em segurança e muito menos desembarcar. Provavelmente com o correr do dia poder-se-ia verificar uma melhoria das condições, mas o tempo era curto e o relógio avançava implacavelmente. Reunidos os responsáveis decidem abortar o mergulho nas Desertas ou pelo menos adiar para o regresso da expedição se sobrasse tempo. Não vamos embora das Desertas sem dizer que estas ilhas se vêm perfeitamente da costa sul da Madeira, estando situadas a 12 milhas para Sudoeste da Ponta de S. Lourenço e são constituídas por três ilhas maiores (Deserta, Bugio e Ilhéu Chão) e vários picos e ilhotas. A maior destas ilhas, Deserta tem cerca de 14 quilómetros de comprimento por 2 de largura. A reserva das Desertas, pertencente também ao Parque Natural da Madeira, sendo conhecida pelos seus fundos riquíssimos em fauna, e ainda o único local a nível nacional onde pode ser encontrada uma colónia de lobos marinhos, definitivamente a preservar. Com um certo amargo de boca, a tripulação vê o perfil das Desertas ficar cada



O enxaréu curioso com as bolhas dos mergulhadores

vez mais distante. Era hora de partir e a vida no mar tem estas coisas.

Um dia e meio de viagem sem grandes novidades para percorrer as cerca de 170 milhas que nos separavam das ilhas Selvagem, a mais distante reserva do Parque Natural da Madeira. As Selvagens são constituídas por dois grupos de ilhas denominadas Selvagem Grande e Selvagem Pequena, separadas entre si, por 12 milhas do infinito Atlântico. Estas ilhas estão salpicadas e rodeadas por inúmeras ilhotas e baixios. Situadas a 100 milhas a Nordeste do arquipélago das Canárias, este grupo de ilhotas é um verdadeiro paraíso de vida selvagem. Relativamente bem preservada pelo Parque Natural da Madeira, as Selvagens são uma explosão de vida subaquática e

uma importante reserva de aves marinhas. Este paraíso no meio do Atlântico é uma verdadeira jóia biológica e geológica.

Na Deserta Grande a expectativa era muita, dadas as informações que o grupo dispunha e os relatos de uma outra viagem que anos antes ali tinha feito. Inesquecíveis são as imagens que ainda hoje recordo desses tempos nesse paraíso. Desta vez com mais meios, mais tempo e a ajuda das câmaras de vídeo e máquinas fotográficas, certamente que as coisas seriam diferentes. Por outro lado tinha muito mais experiência para procurar e abordar os locais de mergulho e mais talento na aproximação e observação da vida subaquática. Muitas vezes o mergulhador não vê a fauna porque não tem sensibilidade para a procurar e também porque

a maneira de estar na água é de certa forma anti-natural, provocando nos animais o instinto de defesa, levando a que estes fujam e se escondam.

As águas eram de um azul intenso, a transparência verdadeiramente incrível e a temperatura amena. A abundância de peixe provoca o delírio entre os mergulhadores. Ao fim do primeiro mergulho, numas pedras saídas junto à costa, o entusiasmo era tão grande que já falavam em ficar lá até ao último dia e prescindir dos outros locais previstos no roteiro de viagem. Cardumes de patrussas e encharéus povoavam as águas mais superficiais curiosos com a presença dos mergulhadores. Algumas vejas salpicam com a sua colorido aqueles fundos. As garoupas terrivelmente curiosas, embora tímidas, procuram ver bem o que se está a passar. Camuflados no fundo os rascassos esperam pela noite para irem caçar, enquanto os irrequietos cabozes saltitam de pedra em pedra. Os talassomas, vão bailando com o seu nadar característico, parecendo que andam aos empurrões, enquanto as "agressivas" castanhetas se atarofam a defender o ninho. Os peixes-balão aparentam ser um misto de animais irrequietos e assustados. Enfim, tudo é vida e esplendor naqueles mares.

Nessa noite, a emoção era intensa entre os membros desta expedição, discutindo a tática e os peixes que, possivelmente,



O badejo "mycteroperca fusca" embora parecido com o mero é de uma família bem distinta

LISPORT
LOJA DESPORTO

Gerência de Francisco Baptista

ARTIGOS DE DESPORTO,
CAÇA SUBMARINA,
MATERIAL DE MERGULHO,
TAÇAS, TROFÉUS, MEDALHAS,
GRAVAÇÕES E ENCORDAMENTO

Av. Itália, 249 A - Monte Estoril - 2765 ESTORIL. Telefone: 467 42 09

Selvagens

iriamos ver no dia seguinte, onde se esperavam mergulhos espetaculares. Os guardas da natureza de serviço na Selvagem Grande, que quero saudar com um grande abraço pela calorosa recepção com que nos distinguiram, tinham convidado a tripulação para um apetecido jantar em terra firme. Noite dentro, ébrios de esperança, todos regressam a bordo com insónias, tal era o entusiasmo posto nas cenas dos próximos capítulos.

Pela manhã fui colocar o primeiro grupo a mergulhar, numa ponta saída com aspecto de proporcionar um mergulho calmo. Com uma profundidade até aos quinze metros e um fundo pedregoso que parecia prometer. Com efeito, quarenta minutos depois, chegavam as primeiras manifestações de alegria pelos três ou quatro meros, raias e uma série de outra fauna, que muitas vezes só se encontra nos livros. À tarde, não queria ficar para trás e lentei uma zona onde o mar parecia mexer com a maré baixa. Fui ver e tratava-se de uma baixa a cerca de uma milha para oeste do local onde estávamos fundeados. Tinha aspecto de ser um bom mergulho.

Deixei-me "cair" na vertigem daquele azul até aos 18 metros.

Um pouco para a frente adivinhou-se um parapeto. Nadei até lá e fiquei como que à janela do terceiro andar. A rocha caía abruptamente até aos 38 metros, como uma parede. Um vale arenoso e nova parede a subir aos 20 metros. Entre as duas paredes curiosos e tímidos um cardume de encharéus de bom porte dava as boas vindas. Mais atrás um bom badejo aproximava-se cautelosamente. Do outro lado um enorme peixe-cão pairava intrigado com a nossa presença. Por cima a seis ou sete metros de profundidade um bem recheado cardume de bicudas passava a sua classe. Fiz sinal ao meu companheiro para que se mantivesse encostado à parede. Era desnecessário pois estava quase paralisado de espanto. Nesse momento chegaram dois lírios na casa dos quarenta quilos, passeando o seu majestoso porte e parecendo perguntar o que se passa aqui? Um pouco mais fundo um mero quase se punha na vertical curioso com o barulho das bolhas. Olho para o computador e vejo 22 metros e 4 minutos de mergulho. Olho agora para o meu companheiro e não fora o regulador que segurava, estaria certamente com boca aberta tal não era o espanto. Quatro minutos deu para ver mais que



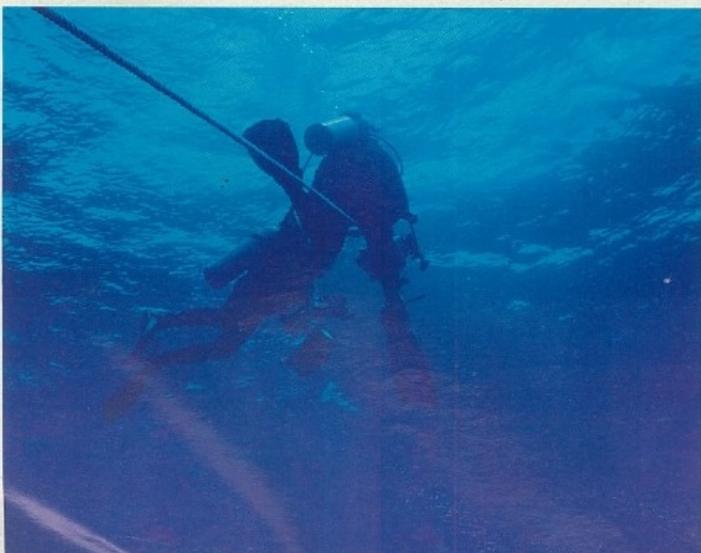
Toda a logística da expedição se desenvolveu a bordo da escuna "Mauritius"



O mero "epinephelus guaza" ou "marginatus" junta-se aos mergulhadores



"sternorhynchus lanceolatus", muito comum no Arquipélago da Madeira



Os mergulhadores da expedição encontraram sempre as águas com grande visibilidade

quarenta mergulhos noutros locais. O mergulho continuou com infatigáveis cardumes de peixe-rei, deambulando em grupo numa organização perfeita de defesa. Garoupas, vejas, e outros que tais passavam já despercebidos. Ao subir para o semi-rígido, o meu companheiro tinha perdido a fala, nem acreditando no que tinha acabado de ver.

Nessa noite foi a nossa vez de convidar os guardas da natureza para jantar. Mais conscientes da realidade, o grupo decidiu passar mais um dia na Selvagem Grande, pelo que se perspectivavam ainda excelentes oportu-

nidades para os mergulhadores de verem em águas nacionais, mergulho ao mais alto nível.

No dia seguinte, enquanto deixava na mesma baixa um grupo de mergulho, coube-me a função de ficar no semi-rígido para os recuperar. A corrente era fraca pelo que decidi deixar a embarcação à deriva. Passados dez minutos, notei a presença de um vulto a rodear a embarcação. Silenciosamente chego-me à borda e vejo em excelente exemplar de tubarão de pontas brancas com cerca de dois metros dar duas voltas, rodando o corpo para um lado e para outro para ver bem o que era "aquilo". De facto o ruído do maejar de um objecto à deriva, foi captado pelo animal como um sinal que estimulou o seu sentido de conservação, levando-a a procurar saber se era algo comestível.

Mais dois mergulhos naquela baixa, marcaram para sempre as nossas memórias, pela excelência vivida.

Mas tudo o que é bom tem um fim e era hora de partir. Duas horas depois com uns golinhos pelo meio estávamos prestes a fundear na Selvagem Pequena. Cuidados redobrados na navegação eram sugeridos pelo enorme destroço de um grande navio que naquelas rochas terminou os seus dias.

Nova recepção calorosa por parte dos vigilantes da reserva e mergulhos com a mesma qualidade. Infelizmente o tempo escasseava e nessa noite partimos de novo com destino à Madeira, onde se faria o reabastecimento para depois seguirmos o nosso itinerário, rumo ao Banco Unicórnio, Banco Gorrinje, e finalmente Vila Moura.

Durante a viagem o mar começou a espelhar-se e o vento a cair. Nunca tinha visto o Atlântico completamente liso como se fosse passado a ferro. Foi espantoso ver a serenidade do mar comungar do espectacular efeito do pôr do sol. São estas visões magníficas que constituem o sustento para mais um ano de trabalho. Tudo ficou calmo e silencioso, apenas se ouvia o suave cortar da água

pelo casco do "Mauritius". Esporadicamente um grito para uma tartaruga que aflorava à superfície ou para um peixe-voador que não se sabe se nada se via.

A nostalgia vai perseguindo o grupo, até que alguém grita "terra à vista". Tudo se precipita para o bombardeio e lá se descortina no meio de neblina o recorte da costa da Madeira. A excitação cresce de novo com a ideia de um belo jantar em terra, pois havia gente na tripulação que faria anos no dia seguinte.

A chegada a uma hora tardia, embalou a tripulação num retemperador sono. O despertar trouxe um novo dia e como em tudo vida nova.

Por motivos de força maior, não tive oportunidade de acompanhar estes excelentes companheiros no resto desta magnífica expedição, mas não me quero despedir sem deixar um obrigado muito grande a todos os elementos pela sua dedicação a esta causa e ainda cumprimentar e agradecer ao Director do Parque Natural da Madeira e todos os seus colaboradores o excelente trabalho de preservação que ao longo destes dias tive oportunidade de constatar.

José Tourais
(instrutor de mergulho)
Fotos: José Eduardo
José Tourais
Fátima Martins

**ABRIMOS NOVOS CAMINHOS
PARA AS SUAS
ACTIVIDADES SUB-AQUÁTICAS**

FONTE da TELHA COSTA da CAPARICA

CENTRO DE MERGULHO

- SAIDAS DE MERGULHO
- ALUGUER E VENDA DE EQUIPAMENTO
- EMBARCAÇÕES SEMI-RIGIDAS
- ENCHIMENTO 200/300 BAR

CONTACTOS E MARCAÇÕES:
TELF. - (01) 2977711 TELM. - 0931-9390278